

A HISTÓRIA DOS SURDOS GAÚCHOS CONTADA PELAS FOTOGRAFIAS: UM OLHAR SOBRE POLÍTICA, EDUCAÇÃO E RECREAÇÃO.

Gisele Maciel Monteiro Rangel¹

Marco Aurélio Rocha Di Franco²

1. Introdução

Quando eu, Gisele, entrei como aluna sem vínculo numa disciplina de Programa Pós-Graduação em Educação - PPGEDU, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, onde o professor Carlos Bernardo Skliar realiza seminários onde se discute também o caso dos surdos, eu e outras colegas surdas Gladis Terezinha T. Perlin e Marianne Rossi Stumpf tivemos a oportunidade de iniciar a fazer pesquisas. Foi uma experiência interessante, pois fazíamos entrevistas com surdos, filmávamos, e discutíamos sobre o povo surdo.

Dessa experiência resultou uma pequena pesquisa que se deu com a participação da maioria dos ativistas surdos sobre o Processo Educativo do surdo, serviu como avaliação do Seminário no final do semestre. Foi a partir dessa pesquisa que nasceu o meu interesse em ser pesquisadora. O meu interesse como pesquisadora surda era que pudesse buscar através dos movimentos surdos as questões específicas do ser surdo, bem como do povo surdo. Foi quando pensei em fazer o mestrado. Em 2001 acabei me candidatando a seleção para no mestrado, fui selecionada na turma de 2002, para ocupar uma vaga no PPGEdu³ da UFRGS.

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, professora e membra do grupo de pesquisa GEPEPT do Instituto Federal de Rio Grande – IFRS, campus Rio Grande.

² Mestrando em Educação Ambiental pela Universidade Federal de Rio Grande – FURG, professor auxiliar da mesma universidade.

³ Programa de Pós-Graduação na Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Ao mesmo tempo, Marco iniciou sua empreitada no Mestrado, buscando pesquisar o histórico do esporte surdo no Brasil. Aliando nossos interesses em dados históricos surdos de nosso país, decidimos escrever este artigo.

Constatamos daí a necessidade de resgatar a história do povo surdo, desde sempre pressentida nos movimentos surdos para buscar mais informações e assim registrá-las. É o que pretendemos com este artigo.

Escolhemos o tema deste artigo para desenvolver a minha pesquisa porque nós tivemos o objetivo de investigar aspectos da história surda, focando no estado do Rio Grande do Sul. Achamos que descobrir e pesquisar os registros da própria história dos surdos é essencial, pois os surdos não têm esses registros de sua história. Por outro lado sentimos que há limitações: como resgatar a história dos surdos, do povo surdo se não há registros? Como desenvolver a pesquisa? Como fazer? Resolvemos desenvolver este artigo para investigar as origens e o desenvolvimento desta história de surdos já que se trata de um tema específico do povo surdo e que tem consequências para os ouvintes em geral. Percebemos inclusive que há uma grande falha pela falta da história do povo surdo, pois um povo sem história sente-se errante.

Foram anos e mais anos que os surdos ficaram sem poder difundir sua história. Somente com a adoção de novas metodologias de ensino a língua de sinais começou a ser estudada e com o tempo ser respeitada. Hoje, percebemos que a história dos surdos não difere das histórias dos grupos de minorias, carregada de sofrimento e preconceito. Os movimentos sociais surgidos entre membros do povo surdo, hoje organizados, conseguiram mostrar que existe uma história e que essa deve ser contada aos outros surdos.

Percebemos que a falta de informação é que leva muitas vezes, os surdos a

ficaram margem de sua história. Os movimentos sociais surgidos entre membros do povo surdo, hoje organizados, conseguiram mostrar que existe uma história e que essa deve ser contada aos outros surdos. Com o passar do tempo esses movimentos tornaram-se políticas surdas.

Atualmente, nos cursos de Libras, conta-se a história de surdos e nas escolas, esta história entra na disciplina de Língua de Sinais.

Constatamos um fato: infelizmente a maioria das pessoas ouvintes, e também muitos surdos, nem conhecem a vida, as histórias do povo surdo e seus movimentos no Rio Grande do Sul. É preciso resgatar estas informações. Certa ocasião, quando visitamos a Sociedade de Surdos do Rio Grande do Sul (SSRS), olhamos algumas fotos antigas e conseguimos perceber as diferenças entre épocas: os lugares, objetos, roupas, pessoas, sinais, cores, expressões, enfim, todas as informações que podemos observar analisando as fotos esses são os registros que pretendo abordar nessa pesquisa.

Assim, passamos a apresentar como procedemos na coleta de dados.

2. Materiais e Métodos

A princípio, pensamos em fazer a investigação da história dos surdos em nível nacional ou pesquisando outros estados. Mas, para delimitar e aprofundar a pesquisa e percebendo a impossibilidade de realizar tal tarefa em tempo limitado, selecionamos o estado do Rio Grande do Sul, inserindo os espaços em que fatos importantes aconteceram relacionados ao povo surdo. Por isso eu pesquisei a cidade de Porto Alegre, pois temos nesse local os aspectos mais marcantes da

história dos surdos, com associações de surdos e outros movimentos que se estendem desde 1921. As lutas de surdos geralmente começam nas capitais; justificando Porto Alegre como pólo de informações e registros históricos gaúchos.

Na nossa experiência e contato com surdos, tivemos a oportunidade de encontrar com surda idosa e ela me contou sobre uma linda e emocionante história vivida pelos surdos desde 1921 onde ela e outro surdo são protagonistas principais; inclusive ele, que fundou a Associação de Surdos, que de início funcionou em uma sala emprestada, existente nos fundos da casa do casal. O homem era um líder entre os surdos, pelo seu jeito acolhedor e fraterno, compartilhava muitas histórias surdas. E, nessa conversa, ficamos totalmente impressionados com a possibilidade de realizar a pesquisa utilizando as revelações de antigas fotos surdas, realizando um agrupamento em categorias dessas fotos, e também filmando as entrevistas para conhecer as diferentes versões em que diversos surdos olham e contam que aconteceu nessas fotografias. Esses dados são fundamentais, pois revelam que houve uma trajetória histórica dos surdos.

Também desde a minha entrada em 1996 e 1997, como aluna sem vínculo em disciplinas do PPGEdu da UFRGS, um desejo que me conduziu desde o início, foi o de investigar aspectos da história dos surdos, através dos diferentes movimentos surdos existentes no Rio Grande do Sul. Assim, decidimos, já que o Marco também decidiu pesquisar sobre o Esporte Surdo no Brasil, buscar a história dos artefatos e dos líderes surdos, como povo, realizando algumas entrevistas, cujos resultados apresentaremos mais a frente. Em virtude da quantidade imensa de dados e a limitação deste ser um artigo científico, ressaltamos que neste apresentamos apenas duas categorias de várias que emergiram. Porém, antes, apresentamos a história do povo surdo contada por Perlin (1998), que norteou nossa

análise.

3. História da Língua de Sinais no Rio Grande do Sul

Perlin (1998) juntamente com um grupo de surdos, realizou filmagens com o objetivo de resgatar a história da educação dos surdos no Rio Grande do Sul. O material não chegou a ser publicado. Desses guardados, tiramos alguns aspectos para a história do surgimento da língua de sinais. As filmagens foram feitas com base nos testemunhos dos surdos que nasceram em meados de 1921 e que residem na capital.

Na pesquisa de Perlin (1998) a história da língua de sinais começa, segundo estes surdos, no primeiro encontro entre eles se deu na escola da Professora Louise Schmidt⁴, e a história do surgimento da língua de sinais no Rio Grande do Sul, inicia com o grupo de alunos surdos dessa escola, que foi fundada precisamente em 06 de junho de 1927. A professora de surdos, a alemã Louise, veio ao Brasil e foi ela quem fundou escola de surdos na capital. Essa Escola se chamava Instituto Ipiranga. Através de propaganda na imprensa local, a professora conseguiu alunos surdos que, segundo informações dos primeiros alunos, vinham do interior, já que não existiam surdos na capital. A língua de sinais nasceu no contato entre esses surdos, com poucos e rudimentares sinais. Eles narram que em sala de aula, eram obrigados a oralizar todo vocabulários. De posse deste vocabulário oral, aos poucos a professora foi banindo a língua de sinais. Igualmente passou a aconselhar alunos surdos a não usarem os sinais que tampouco eram permitidos durante os recreios. Muitos castigos aconteciam caso contrariassem esta norma. Em compensação a esses castigos os alunos narram que a professora brindava os alunos com boas

⁴ Louise era uma adapta do método educação de surdos de Samuel Heinicke também, alemão, fundador do oralismo.

refeições preparadas por ela e seu marido, Edgard Rudolf Schmidt. Esta escola internato chegou a ter 18 alunos.

Nesta escola havia um surdo não oralizado: Ney Olmedo. Este surdo foi muito importante para o desenvolvimento a Língua de sinais, pois após de sair da escola de Louise foi estudar no Instituto Nacional de Educação de surdos – RJ. Depois de concluir o INES voltou para Porto Alegre e transformou-se em líder da comunidade surda. Como tinha fluência na Língua de sinais influenciou estimulou e divulgou uso da Língua de sinais. Ensinado os filhos ouvintes de pais surdos e surdos também a Língua de sinais. Ney Olmedo encontrou seu ex-colega Francisco que havia fundado a Associação de Santa Catarina. Influenciado por este estimulou a comunidade Porto alegreense a fundar uma associação. O primeiro professor surdo gaúcho pertencia à cidade de Caxias do Sul; seu nome era David Bastiani Filho. Este professor participava da Associação de surdos de Porto Alegre e sempre acompanhava as lutas incessantes dos surdos em prol de melhorias na educação de surdos e na política envolvendo a surdez. Porém, depois retornou a sua terra natal e passou a repassar toda a sua vivência adquirida em Porto Alegre, nas cidades vizinhas e interiores, inclusive a consciência política e lutas surdas.

Outros educadores surdos de Santa Maria – RS foram dois irmãos Wilson Miranda e Jeferson Miranda. Os dois foram referência para outros surdos no que diz respeito ao ingresso numa universidade federal. No caso destes, na década de 80, conseguiram ingressar e se formarem no curso de Educação Física, época esta onde não havia intérpretes e tudo era mais complicado para os surdos. Estes irmãos começaram a participar na Associação de Surdos de Porto Alegre, conseguindo anos depois, criar a Associação de Surdos de Santa Maria. Também, um dos irmãos, Jeferson Miranda, se tornou vice diretor de uma escola estadual chamada

Reginaldo Coser, para surdos em Santa Maria.

Perlin (1998) continua o relato de sua pesquisa dizendo:

“Inicialmente fundada na Rua Mostardeiro, a escola transferiu-se de prédio por cinco vezes seguidas. Na Rua Duque de Caxias existiu outra escola de surdos no lugar do atual prédio que abriga provavelmente a FADERS⁵. As informações que conseguimos sobre esta escola datam de meados de 1952. Os surdos que viveram nesta escola denunciavam:” *a educação era ruim e também com método oral. Não importava aos professores investir no surdo, nem se o surdo estava sendo instruído ou não; importava que o surdo falasse algumas palavras, importava, quem sabe, os interesses econômicos*”(Depoimento de A., 52 anos). O local, como atestam hoje fotos, era bastante precário. Em 1962, esta escola é criada por decreto do Governo do Estado com o nome de Escola Especial de Surdos. Havia oficinas de sapataria, marcenaria, encadernação, corte e costura, pintura, desenho e cerâmica.”(PERLIN, 1998, não paginado)

Observamos, segundo o relato de Perlin (1998) que nesta escola, o grupo usava a língua dos sinais, mas predominavam as práticas do oralismo dentro da sala de aula.

Outro fato interessante ocorreu no ano de 1956, foi fundado o Instituto Frei Pacífico que acolhia meninas. Sorte diferente tiveram os meninos indo estudar no Rio em São Paulo, para poderem completar sua educação. As escolas desse período tinham internato e continuava-se a objetivar a oralização. A língua de sinais ou estava nos recreios, ou nos quartos de dormir ou nos banheiros. Perseguida ou não, a língua de sinais era rejeitada pelos ouvintes e desaconselhada para os surdos.

À tardinha, à saída da escola era naturalmente uma festa para os surdos cujas idades variavam muito, eles rumavam para a Rua da Praia no centro de Porto Alegre.

⁵ Fundação de Articulação e Desenvolvimento de Políticas Públicas para Pessoas Portadoras de Deficiência e Altas Habilidades no Rio Grande do Sul.

De acordo com Perlin (1998) o ponto de encontro na Rua da Praia transformou-se em lugar de encontro dos surdos da capital, e vinham até lá os ex-alunos da escola da prof. Louise, da escola Rua Duque de Caxias que por algum período abrigou os estudantes surdos, inclusive as meninas do Instituto Frei Pacífico. Igualmente se reuniam os surdos que de uma forma ou outra estiveram no INES⁶ (Rio de Janeiro), bem como oriundos de países vizinhos que também frequentaram este ponto.

Havia na capital muito preconceito sobre os surdos eles relatam o desprezo sofrido pelas ruas da cidade e como aprenderam a esquivar-se deles. O preconceito (usado pelos ouvintes) os afastava de muitos pontos da cidade, e os surdos tinham de fazer algo para sobreviver, fugindo para outros lugares, porém o preconceito da Rua da Praia pareceu menos marcante.

Os surdos que inicialmente começaram a sinalizar entre eles, nas escolas, se encontravam neste na Rua da Praia e foram ampliando os sinais. A língua de sinais usada pelos surdos nessas ocasiões informais era ainda pouca desenvolvida e naquele ponto de encontro os sinais rudimentares iam sendo aperfeiçoados. Muitos surdos trabalharam na escolha dos movimentos, posição da mão e local de sinalização para que cada sinal pudesse ter beleza e posição como a que hoje tem, manifestando conforme Quadros (1997, p.28): uma estrutura linguística rica e complexa, assim como quaisquer língua humana.

A Rua da Praia se prestou não só para o aperfeiçoamento e transmissão da língua de sinais, mas foi também local onde os surdos se encontraram uns com os outros. Encontraram suas identidades como surdos, através do contato com o *diferente ser surdo, com a identidade surda, com a língua*. Foi o local onde os

⁶ Instituto Nacional de Educação de Surdos.

surdos aprenderam a enfrentar o preconceito, a desenvolver a cultura, a língua, a viver entre eles a sensação de ser povo diferente, bem como o local onde muitos casais se conheceram, dando início a romances. Salienta-se, nas narrações dos surdos, uma história de aprendizagem coletiva, não a aprendida nas escolas ⁷, mas a que se difundia entre os surdos da Rua da Praia com o uso da língua de sinais.

Nota-se que, mesmo que houvesse necessidade de esconder a nova língua, havia um início coletivo de resistência, de cultura e de língua, iniciadas nas salas de aula na ausência dos professores, nos recreios, banheiros e quartos de dormir. E essa resistência surda nasce em face de uma história sofrida onde predominava sempre o regime disciplinar de sujeição ao ouvinte, sendo que até hoje encontra-se essa resistência.

Realmente os ouvintes submetiam os surdos a uma obrigação de utilizar a língua oral, a purificar sua língua de acordo com a oral. Igualmente era utilizado o estereótipo contra a língua dos sinais como menos-valia, preconceito, rejeição, atitudes desprezíveis.

A língua de sinais, para os surdos era o achado surdo, a resistência, a presença de sujeitos diferentes. Defendiam-se dos estereótipos, e preconceitos, igualmente ocupados em construir seus códigos linguísticos, uma espécie de signo de cultura visual, uma língua que se fortalecia para a transmissão de conhecimentos de forma acessível.

A língua de sinais da capital também foi enriquecida na presença dos surdos “vendedores de cartelas”⁸. Eles eram viajantes que percorriam as cidades e quando

⁷ Quadros (1997, p. 22), atesta que havia uma defasagem escolar impedindo o aluno surdo de competir no mercado do trabalho.

⁸ Estas cartelas eram santinhos com o alfabeto manual. Esses surdos ambulantes que percorriam as

iam ou retornavam de encontros com outros surdos, suas comunidades, associações, festas, lutas, ou ainda famílias de surdos, geralmente obtinham informações sobre o modo diferente de viver, de organizar suas casas, os novos códigos e novos sinais para enriquecer o vocabulário. Carregadores ambulantes, eles tiveram papel de destaque no enriquecimento da língua e contribuíram para sua perfeição e homogeneidade.

Em 1966, foi criada a Escola Especial Concórdia. A luta iniciada pelos alunos surdos fez com que fosse a primeira escola do Rio Grande do Sul a abrir perspectivas para o uso da língua dos sinais na educação dos surdos. Este fato transcorreu entre os anos de 1985, com a pesquisa que deu *status* de língua, feita por linguistas norte-americanos⁹ e a constatação da importância da mesma para a educação do surdo. Com a abertura do segundo Grau, na escola Concórdia, os surdos conseguiram seguir para a faculdade, isso trouxe novas possibilidades para o povo surdo. Após esta escola, iniciou-se um movimento nas outras escolas para o uso da língua de sinais em educação.

Isso despertou a consciência dos surdos para a importância da língua de sinais e através da FENEIS resultou a luta da comunidade surda pela oficialização da língua de sinais no Rio Grande do Sul. Houve um crescimento significativo no número de intérpretes e de cursos de língua de sinais. Há igualmente os cursos de formação de instrutores e intérpretes, bem como prossegue a luta para legalizar estas profissões e implantação das mesmas em todos os campos. O que atualmente se sobressai é a escrita do *Sign Writing* que tira nossa língua do rol das línguas

idades possivelmente surgiram da mesma linha que os “pedintes de esmola”, cujos objetivos visavam uma forma de Estas cartelas eram santinhos com o alfabeto manual. Esses surdos ambulantes que percorriam as cidades possivelmente surgiram da mesma linha que “pedintes de esmolos”, cujos objetivos visavam uma forma de sustento.

⁹ Entre eles Wilian Stokoe, defendeu a tese da língua de sinais ser incluída no rol das línguas.

ágrafas.

Depois deste histórico, partimos para a análise dos dados, onde coletamos narrativas de surdos gaúchos, que contaram suas histórias.

4. Análise dos dados.

Como já abordamos, tivemos acesso a diversos surdos líderes do Rio Grande do Sul, que exerceram um papel importante na história dos surdos gaúchos. A partir de narrativas desses surdos, dividimos nossa pesquisa em algumas categorias. Abordamos neste artigo duas delas: Política e Recreação.

Abaixo, alguns trechos de narrativas de surdos, que pertencem a categoria Política:

Trecho 1	<i>“(...)Em 1995 ou 1996, quando o professor ouvinte de Concórdia era amigo de vereador, até me apresentou e acabei de contatar com ele. Também junto com o líder surdo de comunidade surda e outro colega surdo para batalhar as propostas de legenda. Estávamos na Câmara de Vereadores. O Vereador observou a nossa discussão. Alguns sugerem depoimentos. O colega surdo trouxe a</i>
----------	---

	<i>fita com legenda, vinda da Europa, que mostrou a legenda e com interprete para o vereador. Ele admirou e interessou na TV.”</i>
Trecho 2	<i>“(…) O vereador foi responsável de passeata e explicou esclarecida a proposta de oficialização de LIBRAS para o prefeito. Eu estava tirando as fotos que nós participamos. O prefeito prometeu que ajuda a lei e nós continuamos batalha a falta de regulamentação. Depois de anos, finalmente conseguimos a oficialização de LIBRAS municipal. Eu não esqueço que o vereador foi prioridade para nós e foi criar semente a política para surdos e salvou na comunidade surda.”</i>
Trecho 3	<i>“Os deslocamentos que a política dos surdos no RS estava provocando não tinham outro caminho senão realizar a I Conferencia de Direitos Humanos de Surdos do RS. Naquele tempo as forças políticas que moviam outros</i>

	<i>grupos afetavam também a nós surdos exigindo que empunhássemos a publico nossas exigências em nível cultural. Foi o que fizemos. Trabalhamos com grupos e empossamos no papel nossos Direitos perante a sociedade.”</i>
--	---

Podemos perceber a partir dos trechos acima que, desde antigamente, as comunidades se mobilizam para reivindicarem seus direitos e a melhoria da qualidade de vida: estudo, trabalho. A Política surda mobiliza-se para que tenha a oficialização de sua língua, sendo assim reconhecido um direito à utilização da Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS, e que os interpretem enfim como uma comunidade linguística.

A pressão é realizada de diferentes formas: congressos, passeatas, audiências e divulgação.

Assim, percebemos nas falas dos sujeitos um sentimento de união, uma igualdade de identidade, uma participação de grupo. A maioria dos participantes da foto transmite um bem-estar, um tempo pertencente a eles mesmos. Demonstram orgulho por estarem usando um crachá, um status. Há maior afetividade por parte dos mais jovens. Os mais idosos estão simplesmente “posando”. Não há diferenciação de trabalho, são todos iguais.

A luta por legendas, por espaço e visualização do ser surdo mostra que essa luta também é pela construção de uma identidade não só cultural, mas ao mesmo

tempo social. De acordo com Strobel (apud Perlin, 2006), a diferença cultural ou social é o conjunto dessas características pelas quais os grupos sociais se definem como grupos: aquilo que eles são, entretanto é inseparável daquilo que eles não são, daquelas características que os fazem diferentes de outros grupos. Enfim, as identidades surdas estão sempre presentes, evidentes ou não em contato com os ouvintes ou surdos.

Assim, expomos a segunda categoria, que é o Lazer e a Recreação, refletidas através das falas das sujeitas abaixo:

Trecho 1	<i>“O presidente da SSRS resolveu fazer uma excursão para Tramandaí, pois os surdos nunca passeavam, sempre ficavam em Porto Alegre. Alguns surdos não conheciam a praia. Fomos de ônibus especial. Quando chegamos foi uma emoção. Nós nunca tínhamos visto areia. Ficamos dois dias. Não lembro onde dormimos, não gosto de inventar histórias ou mentir.</i> <i>Alguns comiam xis outros iam comer no restaurante. Pagávamos do próprio bolso. Foi um passeio agradável. O presidente incentivou que os surdos precisavam conhecer outro “mundo”.</i>
Trecho 2	<i>“Depois o meu 1º par conseguiu entrar no grupo Show e eu voltei a dançar com ele</i>

	<i>por causa do tamanho e danço com ele até hoje. Fizemos varias apresentações, viajávamos muito.</i> <i>As pessoas me dizem que sou boba, pois não recebo salário, mas eu gosto de dançar e se não gostar posso desistir. Mas eu nasci gaúcha e sempre procurei aprender a cultura do CTG.</i> <i>Eu não gostava de chimarrão e minha família também não gosta, mas experimentei e fiquei apaixonada.”</i>
--	--

Percebo, no trecho 1, que este passeio corresponde a mesma situação da colônia de férias de Capão, pois tinha como objetivo estimular a construção da autonomia do surdo, bem como fortalecer sua identidade

De acordo com McLaren (1998, p.190) “ a construção de identidades narrativas de libertação deve posicionar uma ênfase central no significado de diferença.(...) Nesse sentido há o encorajamento das pessoas oprimidas a construir histórias que dão formato e direção para a prática da esperança e para a luta por políticas emancipatórias”.

Já no trecho 2, encontramos um depoimento de uma surda que dançava no Centro de Tradições Gaúchas (CTG). A dança não é própria da cultura surda, mas é da cultura Gaúcha. Uma afirmação de ser cidadão surdo e gaúcho. Foi único CTG de surdos.

Embora esse tipo de atividade não seja uma política é um preparatório para o crescimento do sujeito, pois estimulava a autonomia, independência e autoestima,

além de propiciar trocas de diferentes culturas e descoberta de amizades fortalecendo o surdo.

As viagens propiciavam a descoberta das diferentes línguas de sinais existentes, ou melhor, do regionalismo da Língua de Sinais. Com isto, houve o enriquecimento da cultura.

As descobertas feitas no diferentes lugares, tais como: diferentes escolas de surdos e comunidades, conhecimento diversos e até conhecer o presidente do Brasil.

Embora as culturas ouvintes e surdas sejam diferentes, é através dela que a sociedade dá sentido um grupo.

Assim, concordamos com as palavras de Hall (2003, p;135): “ A cultura é a soma das descrições disponíveis pelas quais as sociedades dão sentido é refletem as suas experiências comuns e submete-se a todo um trabalho de reformulação”.

5. Conclusão

Em termos objetivos esta pesquisa é um resgate de nosso patrimônio cultural por meio de narrativas, que são registros compatíveis com a percepção visual mais aguçada das pessoas surdas. As narrativas ricas foram expressões de cada participante daquele momento, uma vontade de se expressar.

A análise das narrativas não foi inflexível, porque em várias narrativas houve dificuldade em obter informações precisas. Os depoimentos foram respeitados e deles procurou-se o que havia em comum e que podia ser analisado. Essa análise recorreu aos Estudos Culturais como subsídio, pois o contexto cultural em que cada imagem foi feita tem influência na sua apreciação como texto fotográfico.

Ressaltamos que não abordamos aqui todas as categorias presentes na

pesquisa. Decidimos por focar em apenas duas, para que o trabalho permanecesse sucinto.

O enfoque foi na cultura, na construção identitária dos surdos como grupo. Principalmente a associação não está limitada em sua atuação, a política surda construída nas associações, por vontade dos próprios surdos e com o seu gerenciamento, não sofre tanto as pressões da família ouvinte, da clínica reabilitadora ou de alguma linha religiosa ou política externa ao grupo.

Nas categorias vistas percebemos uma grande lacuna em referências teóricas sobre o esporte, lazer e recreação de e para surdos. Quem sabe aí não se abrem novas possibilidades de pesquisa a serem feita por mais surdos, com uma visão, ao mesmo tempo, interna, de participante e externa, de pesquisador?

E por fim, incentivamos mais pesquisas acerca da história dos surdos gaúchos, já que há escassez de material específico sobre o assunto. Assim, tais memórias narradas não se perderão no tempo e se tornarão registros históricos, disponíveis para qualquer surdo interessado futuramente.

BIBLIOGRAFIA

FEDERAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DOS SURDOS. **Relatório de atividades 1992**. Belo Horizonte: Ápice, 1993.

HALL, Stuart **A centralidade de cultura, notas sobre as revoluções culturais de nosso tempo**. In revista educação e realidade. .Cultura, mídia e educação.v22 n3 julho - dezembro 1997

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo Critico**. São Paulo. Cortez.1997.

PERLIN, Gladis & STROBEL, Karin. **Fundamentos da Educação de Surdos**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2006. Disponível em: <http://www.libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/prelogin/adl/fb/logs/Arquivos/textos/fundamentos/Fundamentos%20da%20Educa%E7%E3o%20de%20Surdos_Texto-Base.pdf>

PERLIN, Gládis. **História da Língua de Sinais do povo surdo**. Trabalho não publicado, 1998.

QUADROS, R. **Educação de surdos: a aquisição de surdos a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.